

um elemento de grande intensidade, provavelmente de natureza cósmica (solar ou sideral), e dessa mutação em bloco, complexo de inúmeras mutações, surgiu *ex abrupto* um novo tipo.

As mutações que nós hoje observamos na *Drosophila* talvez não sejam também senão a soma de muitas mutações elementares desencadeadas ao mesmo tempo.

A propósito, e com vista aos que negam a transformação das espécies por mutações: «a mutação pode alongar um órgão, reduzi-lo, suprimi-lo até, muda pigmentos, etc.». Suponhamos que um determinado tipo ancestral sofria duas mutações sucessivas: uma que lhe amputava as pernas e outra que lhe alongava os braços. Quem pensaria em colocar um tal monstro na série das transformações humanas?

*

Voltemos agora ao princípio e abordemos o problema biológico da civilização humana.

Já dissemos que Rostand nega a transmissão hereditária da civilização, apoiando-se no facto de não serem hereditários os caracteres adquiridos. Mas nós já vimos que os caracteres adquiridos podem ser transmitidos por hereditariedade (pessoalmente, cremos que o são) e portanto, há também a possibilidade da civilização se transmitir hereditariamente.

Não queremos com isto dizer (nem nós nem Rostand), «que mesmo passados milénios de alta civilização, os filhos do homem venham ao mundo com uma ciência e uma moral infusas», mas apenas que o filho do civilizado traz já em si a marca da civilização, uma predisposição especial para a aquisição dos elementos da civilização, que nele encontram um terreno apropriado e fecundo.

Isto implica a admissão duma coisa que repugna a Jean Rostand e à maioria dos biologistas: — É certo que a civilização modifica o hábito externo do indivíduo e

até muitas das suas funções fisiológicas e psicológicas; mas essa transformação, êsses caracteres adquiridos, não se transmitem hereditariamente.

Preguntamos nós: e porque não?

Vimos que o homem se transformou através das idades; vimos que essa transformação era, com toda a probabilidade, obra de mutações sucessivas; vimos que as mutações, ao contrário do que muitos pensam, são condicionadas e desencadeadas por transformações do meio ambiente. Nos primeiros tempos da «aventura humana», como costuma chamar-se à história do homem desde o animal até ao *sapiens*, as transformações do meio eram só naturais, eram transformações geológicas, meteorológicas, astronómicas. De vez em quando a terra era violentamente sacudida por cataclismos formidáveis, estoiravam na atmosfera tempestades magnéticas, deslocavam-se montanhas, desviavam-se rios, secavam mares e abriam-se lagos. Num ambiente assim tão revolucionado, as mutações em massa, intensas, transformaram profundamente as espécies. Na época actual, dêsses cataclismos só existem fantasmas; as condições geográficas e atmosféricas são estáveis; o homem não sofre já mutações profundas.

Mas em parte, a civilização substitue a agitação do meio das eras pré-históricas. A preparação do rádio, a utilização dos Raios X, a T. S. F., a aviação, a artilharia e tantos outros productos da civilização, podem muito bem provocar mutações discretas no homem, mutações, digamos, específicas da civilização, tornando assim os seus descendentes mais aptos a receberem-na.

Admito mesmo a hipótese de se estar dando presentemente uma série de condicionalismos preparatórios duma mutação em massa que um dia se manifestará brutalmente transformando-nos por completo, sob a acção de qualquer fenómeno natural ou de qualquer invenção humana.